



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Pedro Krapotkine

A morte do grande apóstolo libertário

Em presença de tantas notícias contraditórias que, sobre a morte de Pedro Krapotkine, o telegrafo nos vinha transmitindo nos últimos dias, apegamo-nos à esperança de que nenhuma das notícias tivesse fundamento. A confirmar esta nossa suposição vimos, tanto na *Umanitá Nova* como no *Daily Herald*, desmentidos formais à notícia da morte do grande revolucionário. Mas, ai de nós, era infelizmente verdadeira a triste nova. Krapotkine finou-se no dia 8, às três da madrugada, segundo nos informa um telegrama de Royal.

A aspreza do clima russo, de cumplicidade com a velhice do saudoso apóstolo, acabou por liquidar uma das mais belas, das mais nobres, das mais prestimosas existências que neste mundo hão decorrido. Uma pneumonia implacável se apossou do organismo já debilitado do velho batalhador, experimentado em tantas lutas, triunfante de tantas vicissitudes, empreendedor que foi de tantos esforçadíssimos combates. Essa pneumonia o matou. De



resto, a doença marchou rápida, feroz, como que apressada em desembarcar-se depressa dum inimigo que lhe devia impor respeito. De nada valeram os cuidados dos amigos, a solicitude de quantos o admiravam — e havia, entre estes, adversários políticos que nem por o serem esqueciam o valor excepcional da grandiosa figura que a morte disputava.

Pedro Krapotkine nasceu em 1842. Faleceu portanto com 79 anos. Sabe-se que o denodado libertário era oriundo duma família pertencente à mais antiga nobreza russa. Chegou a ter na corte dos tzars cargos honoríficos, e uma carreira toda de galas e honrarias se deparava ao que mais tarde havia de tornar-se a primeira figura do movimento libertário mundial. No Corpo dos Pagens, onde ingressou em Agosto de 1857, iniciou os seus estudos que depois completou desenvolvendo na Universidade de S. Petersburgo. Um relatório extenso, pleno de desconhecidos dados geográficos, que publicou em 1864, descrevendo uma viagem que fizera através da Manchúria, chamou para ele a atenção dos sábios. Mas as suas explorações nas geleiras da Finlândia e da Suécia acabaram por consagrá-lo como homem de ciência.

Cerca de 1871, aderiu declaradamente ao movimento anarquista internacional e começou então, com um entusiasmo já mais enfiado, a sua propaganda, sob o pseudónimo de Borodine. Não tardou muito que a polícia dos tzars, que naquela época minava a Rússia, o apercebesse. E, em consequência das reuniões que promovia, para espalhar as suas doutrinas entre os trabalhadores da antiga capital russa, foi preso em 1874 e encarcerado na terrível fortaleza de S. Pedro e S. Paulo.

Durou três anos este cativeiro e só ao cabo de tam prolongada tortura Krapotkine conseguiu evadir-se, refugiando-se então em Inglaterra. Ai trabalhou, escondido numa pobre habitação de camponeses, na maior parte das obras que ao depois publicou, fixando o seu critério anarquista. Krapotkine acompanhou depois o movimento da Associação Internacional dos Trabalhadores, quando este organismo, disputado pelas orientações de Marx e Bismarck, se dividia já em duas correntes, entre as quais se veio estabelecer a scisão, em 1872, governando a grande revolução —

no congresso de Haia. Em consequência desta scisão a corrente anarquista tornou-se independente, vivendo uma vida à parte. Fundou então a federação jurassiana, tendo por órgão *L'Avant Garde*.

Por essa época se produziram na Europa, atentados contra a vida de três monarcas: o da Alemanha, o da Itália e o da Espanha. «Os governos europeus — escreve Krapotkine — não puderam acreditar que semelhantes atentados, contra a vida de três reis, fossem executados sem que houvesse uma conspiração internacional, chegando à conclusão de que a federação anarquista do Jura era o centro das conspirações. Posso afirmar, da maneira mais categórica, que esta suposição era absolutamente infundada.»

O certo é que a Suíça, vergando-se à pressão dos vários governos europeus que a acusavam de dar asilo a regicidas, fez prender Paulo Brousse, redactor de *L'Avant Garde*, e suprimiu o jornal. Krapotkine fundou então, em 1879, um jornal quinzenal intitulado *Le Revolté* (antecessor de *Temps Nouveau*) onde depois trabalharam Eliseu Reclus e Jean Grave. Os artigos de fundo que Krapotkine publicou neste jornal foram mais tarde coligidos em livro, sob o título *Palavras dum revoltado*.

Em 1880, esboçou-se um acordo entre as correntes colectivista e anarquista; e conseguiu-se no congresso do Havre que o comunismo libertário fosse tido como o objectivo último dos esforços proletários. Desde então, o núcleo anarquista tomou um tal desenvolvimento que os governos burgueses sentiram-se possuídos de temor. Krapotkine, que viera de Londres para França por não encontrar na capital inglesa ambiente próprio à propaganda, foi preso, em 1882, e só em 1886 lhe daram a liberdade.

Alguns jornais franceses pediram a sua expulsão, e antes que o governo lhes fizesse a vontade, Krapotkine abandonou a França indo residir para Londres, onde, encontrando já ambiente mais favorável, fundou a revista *Freedom*. Depois disso empreendeu algumas excursões de propaganda, a mais importante das quais foi a que em 1898 fez pelos Estados Unidos.

Durante a conflagração europeia Krapotkine defendeu um critério que parecia contradizer um pouco as suas anteriores opiniões e que, por isso mesmo, não mereceu os aplausos de todos os meios revolucionários. Em 1917, quando a revolução empolgava já a Rússia, voltou ao seu país. A ditadura do proletariado e a orientação política de Lênine mereceram a Krapotkine algumas críticas nem sempre benévolas. A disciplina, a severidade, digamos mesmo, o autoritarismo dos Soviéticos não podiam agradar a quem, durante toda a vida, tanto pugna pela liberdade absoluta do indivíduo. Uma alma como a de Krapotkine, confiante na bondade ingênua dos homens, não podia aceitar restrições à livre expansão de todas as vontades individuais.

O velho propagandista preparava agora uma grande obra de análise crítica ao regime que predominava na Rússia. Não lhe consentia a morte que findasse o seu trabalho. Se, porém, não nos é dado conhecer as conclusões a que chegaria, esperamos que algumas das suas opiniões sejam em breve divulgadas.

Krapotkine é autor da *Conquista do Pão* e das *Palavras dum revoltado*, obras formadas por escritos publicados em periódicos revolucionários. O primeiro destes livros é conhecido mundialmente, e há dele várias edições portuguesas. Escreveu ainda: *Campos, fábricas e oficinas*, onde os seus conhecimentos económicos se patenteiam; *O auxílio mútuo — Um factor de evolução*, onde se defende o contrato social livre, perpetuamente dissolúvel e substituindo-se a todo o

Relações Internacionais

A Batalha, ontem, num comentário, dizia: «A verdade é que o operariado português se tem mantido isolado, pouco se lhe dando saber, até agora, do que vai por esse mundo, das tendências dos vários países, e dos objectivos que nele se perseguem. A necessidade de nos relacionarmos internacionalmente aparece, porém, hoje mais evidente do que nunca. Portugal está esquecido e já com ele não conta o movimento revolucionário internacional. Pois é preciso demonstrar que também somos capazes de dar o nosso contributo à corrente emancipadora.»

Por muito doloroso que isto seja, é em absoluto verdadeiro. Mas é necessário ter em conta, para uma boa apreciação dos motivos que determinam a falta de conhecimento sobre as tendências internacionais que influem nos vários países, que o operariado português carece exactamente desses elementos de informação, e as causas conhecemo-las demasiado.

A organização operária portuguesa ainda não deliberou nada de concreto sobre as relações internacionais conhecidas: F. S. I. e C., a primeira de Amsterdam e a segunda de Moscúvia.

Há, contudo, princípios fundamentais assentes que lhe servem de orientação. O Congresso de Coimbra deliberou que a C. G. T. entrasse «desde já em relações com as centrais operárias dos outros países, sem alienar ou aporcar a sua autonomia, respeitando reciprocamente os mesmos princípios por parte das organizações dos outros países», acrescentando, que se influísse «nas conferências, congressos internacionais ou nas simples e amistosas relações cotidianas com as Centrais de outros países, para que se constitua a Confederação Internacional do Trabalho, com representantes exclusivamente operários, não sendo estes investidos de qualquer mandato político para que, por este organismo novo, se coordene a acção geral de trabalhadores de todos os países que aspiram ao fim comum da sua integral emancipação.»

Dentro das suas possibilidades, tem a C. G. T. portuguesa dado cumprimento ao mandato que trouxe de Coimbra. E, porém, certo que o facto de se sustentar amistosas relações com alguns centrais, não significa que nos intertemos a valer pelo movimento internacional operário, visto que tal intertemos comporta compromissos de certa responsabilidade, que vão desde uma adesão em forma ao pagamento das cotizações e à execução de resoluções no combate internacional ao capitalismo.

Mas — dir-se há — porque não aderiu já a C. G. T. portuguesa a uma internacional? Por causa das cotizações? Para não satisfazer compromissos de solidariedade? Sobre as duas últimas questões responderá a organização.

Quanto à primeira questão, é conveniente recordar que ao mesmo tempo que o Congresso de Coimbra se realizava, tinha lugar o Congresso Internacional de Amsterdam, de onde saiu a actual Federação Sindical Internacional. Este organismo é a sequência da U. S. I. de antes da guerra e que nada fez para evitar aquela, não tendo querido aceitar as teses revolucionárias que por vezes lhe foram presentes pela C. G. T. francesa e que muito haviam contribuído para abater as veleidades guerrilheiras dos Estados imperiais que levaram os povos à matança.

Não altura em que se realizava o Congresso de Coimbra, não dava aquele organismo sinais de vida, e por este motivo e ainda por que «não correspondia às necessidades nem objectivos da emancipação da classe operária internacional».

M. J. de SOUSA

1789-1793, trabalho de crítica histórica dum raro valor; *O estado — seu papel histórico*, condenação formal do princípio da autoridade; *A ciência moderna e a anarquia*, um estudo filosófico que é, ao mesmo tempo a demonstração irrefutável da verdade libertária; *Ideias e realidades na literatura russa*; *A moral anarquista*; *Nas prisões francesas e russas*, obra interessantíssima, logo exgotada na sua primitiva edição inglesa; *A moral anarquista*; *A anarquia — sua filosofia, seu ideal*; *O terror na Rússia*; e *Em volta duma vida*, a que já se chamou o modelo das auto-biografias, e donde extratamos algumas destas breves notas, relendo compungidamente aquelas páginas onde a heroica odisséia dum temperamento inquebrantável de revolucionário se descreve.

A existência humana está sujeita a leis inexoráveis, e é bem sabido que um dia ou outro voltam ao nada os que do nada vieram, neste contínuo movimento que é a garantia da vida universal e eterna. E nem por isso, nem por muito se apogar à razão crua, aos raciocínios frios, a gente deixa de sentir o coração oprimido e os olhos húmidos quando o que cai é um homem, um verdadeiro homem — grande pelo coração, grande pela alma, grande pelo cérebro.

Perfeito de CARVALHO

VER NA 2.ª PÁGINA:

Congresso Metalúrgico

A GREVE DOS Trabalhadores dos jornais

Volvido o primeiro mês...

Faz hoje precisamente um mês que os trabalhadores dos jornais, ante um capcioso comunicado que as empresas jornalísticas enviaram para as suas gazetas, no intuito de indispor o público com os respectivos salarizados, declararam a greve em todos os diários representados pelos indivíduos que firmavam o referido comunicado, no qual veladamente se atribuíam aos trabalhadores da imprensa, compositores tipográficos e distribuidores de jornais propósitos que com justiça não podiam inferir-se à face das reclamações, aliás bem claras, que pelas referidas classes lhes tinham sido presentes.

Abandonado o trabalho nos jornais em referência, uma das primeiras medidas que os grevistas adoptaram foi a imediata publicação de *A Imprensa de Lisboa*, com as suas edições, elemento simultaneamente de defesa e de combate, que os industriais do jornalismo, por várias formas, pretenderam anular, convencidos, e com razão, de que semelhante arma era um grande obstáculo ao esmagamento dos grevistas, que outra aspiração não alimentam os do bloco patronal.

Vai volvido um mês sobre a eclosão da greve e, apesar disso, nos arraiais dos trabalhadores dos jornais não se notam quaisquer desfalecimentos, antes se redobra de energia, o que quer dizer que há muito a esperar das faculdades de resistência dos nossos camaradas.

«Última Hora»

E' este o título do novo jornal, confeccionado por grevistas e cujo aparecimento estava sendo tam ansiosamente esperado, cuja direcção está a cargo dos nossos amigos Pinto Quartim e Norberto Lopes.

A amenidade da leitura, a originalidade da paginação e a variedade do noticiário, prederam, temos a certeza, a atenção do público. Sentimo-nos bem lendo o novo diário; respiram franqueza e inspiram confiança as suas interessantes páginas.

E só o prazer de sabermos que não estamos sendo enganados com falsas doutrinas que apenas aproveitam a meia dúzia de potentados que semeiam a fome por esses lares, não há de faltar que o pague.

E' óbvio que desejamos à *Última Hora* as maiores prosperidades.

Entre «selvagens»...

Todas as quintas-feiras, na Casa da Imprensa de Moscúvia, se realizam interessantes reuniões literárias. Os poetas e os escritores de todas as tendências literárias juntam-se amavelmente e leem as suas obras. Cada conferência é seguida duma forte discussão.

Em Portugal os literatos e poetas, quando não se guerreiam, fogem uns dos outros, como se vissem reciprocamente algum selvagem, inculto e feroz.

Accidentes de Trabalho

O Estado, que pretendia furtar-se às suas leis, foi ontem condenado

Realizou-se ontem, conforme anunciamos, o julgamento dum processo de que era autora Margarida dos Prazeres Godinho, ex-operária da Manutenção Militar.

Margarida Godinho fôra, em 13 de Agosto de 1919, vítima dum desastre no trabalho, de que lhe resultou a perda de três dedos duma das mãos. Pretendia o Estado furtar-se a responsabilidades, negando-se a cumprir o estabelecido na lei dos accidentes de trabalho, vendendo-se a referida operária na contingência de contra elle proceder.

Este julgamento despertou bastante interesse, porquanto a sala do tribunal se encontrava repleta de operários, que ali acorreram para assistir ao espectáculo interessante do Estado desear escapar-se pelas malhas das leis que sanciona.

O júri respondeu aos quesitos apresentados em condições do Estado ser condenado a pagar aquilo a que a referida operária tem direito, isto é, a estabelecer à sinistra duma pensão por toda a vida, desde a data do desastre.

Notou-se entre a assistência a presença dum agente da policia de segurança do estado, que também fez de público...

Os deportados em Cabo Verde

Informações da Arcada dizem-nos que o governador de Cabo Verde comunicou ao ministro das colónias que lhe constando que os indivíduos expulsos do Brasil e que ali desembarcaram, foram já considerados livres de culpa, pede para que os mesmos sejam postos em liberdade, pois se encontram sem recursos.

Parece que em 31 de Janeiro, como noticiáramos, haviam sido aqueles operários amnistiados, visto que crime algum cometeram, depois dos respectivos processos terem passado por mãos de entidades a quem o assunto dizia respeito. Porém, até à data nenhuma notícia tivemos do caso, a não ser a informação que agora reproduzimos.

Se, embora um pouco tarde, foi reconhecida a arbitrariedade porque não dão a liberdade a esses operários que tem sofrido já bastante a tirania dos potentados luso-brasileiros?

Julgamos que já é tempo de se fazer justiça, mandando para o seio de suas famílias criaturas que estão deportadas por crime algum cometerem.

DO MUNDO NOVO...

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA «ROSTA-WIEN»)

As ciências na Rússia dos soviets

MOSCÓVIA, 31 Janeiro. — O conselho superior de economia pública organiza uma sessão na qual o académico Lazarev fará uma leitura acerca dos acontecimentos da física moderna na análise da matéria.

Casas de repouso

MOSCÓVIA, 31 Janeiro. — O conselho pan-russo dos sindicatos redigiu o regulamento das casas de repouso. São reservadas de preferência para os operários de misteres considerados perigosos, e, depois, todos os outros operários gozarão das férias anuais previstas pelo Código do Trabalho. A divisão dos lugares é feita pelos organismos sindicais.

A organização científica do trabalho

MOSCÓVIA, 31 Janeiro. — A conferência sobre a organização científica do trabalho votou uma resolução na qual se diz que a organização do trabalho deve ser baseada sobre as conclusões da psico-fisiologia e da higiene, condições únicas para observar as exigências da produção e os interesses dos trabalhadores. A organização do trabalho deve ser tomada num sentido mais largo do que o taylorismo, que não toma em consideração a fadiga do trabalhador e a sua alimentação. A aplicação do sistema científico abre à indústria russa largas perspectivas de melhoramentos rápidos e metódicos. A conferência emite a opinião de que seja criado um organismo, que, apoiando-se nos operários organizados, dirija a obra de organização científica do trabalho. O presidente encerrou a conferência felicitando-se não só pelos trabalhos teóricos, mas também pelos seus resultados práticos.

A agricultura

MOSCÓVIA, 31 Janeiro. — Uma instrução foi publicada sobre a confecção prática do plano de sementeiras. Este plano deve ser estabelecido pelos comités de sementeiras nas províncias, depois transmitido aos distritos, aos cantões e às aldeias, participando-se assim o plano às massas interessadas. O comité de sementeiras estabelece a ligação entre as secções agrárias, as secções de aprovisionamento e os conselhos de economia pública. O plano de sementeiras é baseado sobre dados estatísticos referentes às superfícies cultivadas, às colheitas, à mão de obra e ao material disponível.

No distrito de Vológa existem 21 cooperativas agrícolas, que cultivam 14.000 desiatinas de terra.

O *Investia* escreve: «Na Rússia organizaram-se 10.152 cursos de agronomia; 456.480 alunos seguem esses cursos, onde o ensino é ministrado por 30.432 pessoas.

O comboio eléctrico

MOSCÓVIA, 31 Janeiro. — O comboio eléctrico fez uma nova viagem de Petrogrado a Moscúvia. O percurso fez-se sem incidente. Em breve o comboio será apropriado ao transporte de mercadorias.

Krassine e as negociações de Londres

MOSCÓVIA, 1. Fevereiro. — Krassine relata que os dirigentes ingleses são, na sua maioria, favoráveis à conclusão dum acordo comercial com a Rússia Soviética. São todos os conservadores ingleses que desejam o restabelecimento de relações comerciais. Mas o acordo não se poderia fazer senão depois da Inglaterra se resolver a proteger a propriedade do governo sovieta no território inglês. A questão do ouro russo fez surgir algumas dificuldades. O governo inglês pede, por sua vez, para o governo sovieta se abster de qualquer intervenção nos países que se encontrem na esfera de influência inglesa. A Rússia vê-se obrigada a não fazer propaganda nestes países. Quanto à América, Krassine é de opinião que depois da assinatura do tratado anglo-russo ela retomará as relações comerciais com a Rússia.

O *Investia* publica uma entrevista de Krassine que anuncia a publicação próxima do texto integral das contra-propostas russas.

Kopp e as relações comerciais com a Alemanha

MOSCÓVIA, 1. — Krassine e Kopp, representantes do governo sovieta, o primeiro em Inglaterra e o último na Alemanha, chegaram a Moscúvia. Krassine informou o conselho superior de economia pública sobre a marcha das negociações com o governo inglês e Kopp fez um relatório das relações da Rússia Soviética com a Alemanha.

A electrificação

MOSCÓVIA, 1. — Os jornais começam a publicação dum boletim, dando o estado dos trabalhos nas principais estações eléctricas. Os trabalhos realizados nessas estações são satisfatórios.

A providência social no regime dos soviets

MOSCÓVIA, 1. — Vinokurov, comissário do povo para a providência social, publicou ultimamente um decreto alargando consideravelmente o círculo de benefícios. Assim, os membros da família dum operário ou dum empregado, se tiverem de cuidar de crianças menores de 12 anos ou de occupar-se do lar, tem direito, no caso de invalidez ou de doença, ao mesmo socorro, como se fossem propriamente operários e empregados. Também os estudantes maiores de 16 anos são comparados aos trabalhadores, no caso de perda temporária ou permanente das suas faculdades de trabalho e, no caso de morte, a sua família recebe um socorro.

N. R. — O congresso pan-russo de providência social começou os seus trabalhos, em Moscúvia, no dia 14 do corrente.

O PÃO NOSSO...

Um sindicato assaltado

Desta vez foi em Beja. Quando os operários metalúrgicos, no pleno uso dos seus direitos, reuniam no seu sindicato a fim de apreciar uma exposição feita pelos delegados de Lisboa acerca do próximo Congresso Metalúrgico, uns tantos policas e soldados da guarda republicana entraram na associação, não permitindo que a reunião prosseguisse. Isto em Beja é o pão nosso de cada dia. Saltam as autoridades por cima das leis com mais facilidade do que os revolucionários, que por princípio, as devem desrespeitar.

A propósito vem dizer que possuem as associações de Beja uma sede, muito sua, que a policia tinha obrigação de respeitar. Porém, desde Abril do ano findo que o mobiliário das referidas associações se encontra em poder da policia, que dele se está servindo, como se o tivesse pago, e quando as classes pretendem reunir recebem destas amáveis visitas.

Parece-nos impossível que os governantes, andando constantemente a falar na pacificação da família portuguesa, permitam que qualquer cabo de esquadra perturbe a vida associativa do proletariado. Esse facto contribuem apenas para irritar os ânimos e criar animadversões, cujas consequências podem ser desagradáveis.

Não protestamos contra o facto. Vamos perdendo esse hábito, que é ainda uma delicadeza, uma atenção para com aqueles que exorbitam. Registamol-o, convencidos de que à força bruta só a força do proletariado, inteligentemente dirigida, se pode opor. Hoje são meia dúzia de policas e soldados, analfabetos talvez, que mandam e imperam. Amanhã — e esse amanhã parece que se aproxima — o proletariado, farto de vexames e arbitrariedades, fará a sua justiça.

A BATALHA em-Oeiras

Vende-se em casa do sr. Joaquim Pimentel.

A conferência de Londres

Os delegados vão deliberar e os povos terão a última palavra

PARIS, 16. — Segunda-feira, 21 do corrente, deve começar em Londres a conferência encarregada de regular o problema do Oriente. A missão turca nacionalista de Angora chegou finalmente à Itália e seguirá para Londres em caminho de ferro. Os delegados regulares da Sublime Porta deixaram Constantinopla no sábado, no expresso do Oriente, e Calogeropoulos, presidente do conselho da Grécia, passou em Roma na segunda-feira, onde foi cumprimentado pelo sr. Giolitti, presidente do conselho da Itália. No mesmo dia o sr. Venizelos voltando de Londres conferenciava em Paris com o sr. Briand. O antigo presidente da Grécia pretendia convencer Lloyd George da necessidade de deixar a essa ocasião o cuidado de fazer cumprir o tratado de Sevres. Na Turquia da Europa e na Turquia da Ásia, missão que o sr. Venizelos lhe tinha feito atribuir. Este homem de Estado diz que a mudança do regime grego é um acidente de política interna que o refugio da opinião pública apagará talvez amanhã e que não deve levar os aliados a mudar tam rapidamente de procedimento.

Pelo contrário, os turcos, especialmente os de Angora, reclamarão a revisão completa do tratado e pedirão para voltar às fronteiras de 1913 fora de qualquer fiscalização europeia e em completa independência.

Entre os gregos e os turcos, a França e a Itália esforçar-se-ão por exercer um papel de apasiguadoras. O gabinete de Roma submeteu ao gabinete de Paris uma série de medidas nesse sentido. Os esforços italo-franceses serão coroados de sucesso se os nacionalistas turcos se mostrarem conciliadores. — Radio.

C. G. T.

Sessão de União dos Sindicatos
Reúne amanhã, às 21 horas, a secção das Unões de Sindicatos.

